

Ana Sofia Antunes das Neves
ISMAI – Instituto Superior da Maia, Portugal

As mulheres e os discursos *genderizados* sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”?

Resumo: *O papel do amor na dinâmica da intimidade é inegável nas sociedades ocidentais, sendo inclusivamente um dos elementos centrais da vida social. O argumento de que o amor constitui o motor do desenvolvimento das relações interpessoais, sobretudo para as mulheres, representa uma peça fundamental na construção dos discursos sociais sobre a felicidade humana e os factores que a configuram. Tradicionalmente perspectivado como feminino, o amor tem sido apontado às mulheres como a sua suprema vocação,¹ enredando-as, não raras vezes, num ideal de intimidade potencialmente castrador da sua autonomia e liberdade pessoal. Este artigo pretende reflectir criticamente a respeito das implicações da construção social dos discursos sociais sobre o amor na vivência da intimidade adulta feminina heterossexual, a partir de uma leitura feminista crítica. Discute-se neste documento a importância de assumir o discurso amoroso como um discurso paritário e democrático.*

Palavras-chave: *amor; feminismo crítico; construccionismo social.*

Copyright © 2007 by Revista
Estudos Feministas.

¹ Simone de BEAUVOIR, 1976.

² Anne BEALL e Robert STERNBERG,
1995; e STERNBERG, 1998.

³ Ashley MONTAGU, 1970, citada
por Patricia NOLLER, 1996.

⁴ José CARVALHO, 2003.

1. O amor sob o prisma das ciências sociais: breve incursão introdutória

As concepções sobre o amor são de extrema importância para a organização das várias culturas e sociedades porque implicitamente definem o que é apropriado e desejável nas relações entre os indivíduos.²

Especialmente nas sociedades ocidentais o amor tem sido entendido como basilar na interacção social,³ sendo para alguns/as autores/as a chave de todas as escolhas humanas.⁴

⁵ Lawrence WRIGHTSMAN e Kay DEAUX, 1981, p. 170, citados por Jane MYERS e Mathew SHURTS, 2002.

⁶ Robert FELDMAN, 1985.

⁷ MEDORA, LARSON, HORTACSU e DAVE, 2002.

⁸ BERCHEID e WALSTER, 1971, citadas por Valentim ALFERES, 1997.

⁹ RUBIN, 1988, citado por Jeff LEVIN, 2000.

¹⁰ FELDMAN, 1985.

¹¹ Anália TORRES, 2000a.

¹² TORRES, 2000a.

¹³ Mechthild KIEGELMANN, 2001.

Muito embora o amor tenha servido de mote a inúmeros escritos de diferentes precedências (como a literatura e a filosofia), até meados dos anos 70 houve uma ausência de cientificidade no seu estudo, considerando-se que ele seria demasiado misterioso e intangível para o estudo científico.⁵ A dificuldade em observá-lo de um modo rigoroso e sistemático serviu durante décadas como argumento principal para que ele fosse nomeado de acientífico pelos/as investigadores/as.⁶ A sua introdução, como objecto científico, nas ciências sociais e humanas foi, por isso mesmo, relativamente tardia.

Segundo Nilufer Medora, Jeffry Larson, Nuran Hortacsu e Parul Dave,⁷ o estudo sistemático do amor foi iniciado em 1944, quando Llewellyn Gross publicou uma das primeiras escalas de avaliação do romantismo, começando, a partir dessa altura, a proliferação de uma série de questionários de avaliação do amor. Mais tarde, em 1971, Ellen Bercheid e Elaine Walster realizaram a primeira revisão sistemática sobre o amor passional,⁸ e Zick Rubin, em 1988, um reconhecido investigador na área das relações íntimas, observou que, até à data da sua dissertação sobre a avaliação do amor romântico, isso em 1968, não existia nenhum campo científico conhecido como a Psicologia do Amor.⁹

Em consequência dessa introdução tardia do amor, como objecto científico, nas ciências sociais e humanas, os/as psicólogos/as sociais, em particular, só recentemente se envolveram no desenvolvimento de teorias sobre o amor, defendendo o papel central que ele desempenha nas relações de intimidade da grande maioria das pessoas, bem como a influência que ele tem nos processos de namoro, de casamento e de divórcio.¹⁰ De uma forma cada vez mais recorrente, psicólogos/as sociais e sociólogos/as têm procurado analisar a dimensão social do amor, afastando-se de explicações do tipo individualista,¹¹ as quais caracterizavam as primeiras investigações sobre o tema. Nos últimos 40 anos, segundo Torres,¹² pelo facto de se ter começado a rejeitar a ideia da separação entre sujeito e objecto do conhecimento e da dicotomia entre estruturas e práticas, uma nova visão do conceito de amor emergiu. Assim sendo, novas áreas no âmbito dos estudos sobre o amor parecem estar a afirmar-se, nomeadamente com o aparecimento de linhas de pesquisa que procuram avaliar qual a influência que variáveis como o género, a classe social, a etnia ou a orientação sexual (só para citar alguns exemplos) tem na emergência de diferentes tipologias de amor.

As abordagens da psicologia social e da sociologia apresentam o amor, grosso modo, como uma experiência vulgar da quotidianidade.¹³ Niklas Luhmann, em 1988,

¹⁴ LUHMANN, 1988, citado por TORRES, 2000a.

¹⁵ LUHMANN, 1988, citado por TORRES, 2000a.

¹⁶ LUHMANN, 1991, p. 21.

¹⁷ LUHMANN, 1986, p. 153, citado por TORRES, 2000a, p. 11.

¹⁸ GOODE, 1959, citado por TORRES, 2000a.

¹⁹ Bron INGOLDSBY, Suzanne SMITH e Elizabeth MILLER, 2004.

definiu o amor como um fenômeno histórico, enfatizando a ideia de que não há razão para o amor acontecer, a não ser incorporado num código social partilhado por indivíduos que entram em contacto uns com os outros.¹⁴ O autor alemão, preocupado com as relações entre o sistema social e os veículos da comunicação simbólica, propõe que o amor seja analisado a partir das especificidades culturais e das ideologias.¹⁵ Para o autor, enquanto meio de comunicação o amor não é um sentimento em si mesmo, mas sim

[...] um código de comunicação cujas regras determinarão a expressão, a formação, a simulação, a atribuição indevida aos outros e a negação de sentimentos, bem como a assunção de consequências inerentes, sempre que tiver lugar uma comunicação deste género.¹⁶

De acordo com Anália Torres, o desenvolvimento de uma nova semântica da intimidade proposta por Luhmann esteve associada também aos movimentos de diferenciação dos sistemas sociais:

A identificação desta nova semântica da intimidade, segundo Luhmann, acaba por nos conduzir aos paradoxos e dificuldades dos nossos dias, no final do século XX. De um lado, e devido às transformações socioestruturais, os indivíduos têm mais autonomia em relação às instituições, o que se traduz em maior margem de manobra individual. A crescente paridade entre homens e mulheres é exemplo dessas transformações e dessa maior autonomia. Mas, por outro lado, a necessidade de intensificação das relações pessoais aumenta as expectativas em relação ao desejo de se ser compreendido pelo outro e torna-se difícil, senão impossível, que o seu retrato idealizado se sustente no quotidiano.¹⁷

Já em 1959, o sociólogo William Goode havia referido, no seu artigo intitulado "The Theoretical Importance of Love", que o amor é parte da acção social e, nessa óptica, também da estrutura social, ajudando a criar novas relações sociais.¹⁸ Nessa definição encontra-se patente a influência mútua entre o sentimento do amor e as estruturas sociais onde se manifesta. O amor é, para o autor, um elemento da acção e da estrutura social porque determina a intensidade de uma atracção, aproximando ou afastando uma pessoa de um relacionamento íntimo.¹⁹

Como sugere Anália Torres, a propósito do trabalho de Goode, a forma como o amor está relacionado com a estrutura social ultrapassa a dicotomia entre a possibilidade ou não de amor romântico.

Defende antes que se deve considerar a hipótese de um continuum entre dois pólos. De um lado, encontra-se uma forma de encarar o amor, do ponto de vista social, como uma aberração trágica ou risível. No pólo oposto está a consideração de que é relativamente vergonhoso casar sem estar apaixonado pelo futuro cônjuge. Assim, as diferentes posições assumidas em diversas sociedades quanto à forma de encarar o amor podem ser encaradas como pontos nesse continuum, mais afastados ou mais próximos dos dois extremos.²⁰

²⁰ TORRES, 2001, p. 112 e 113.

²¹ BEALL e STERNBERG, 1995.

Para Beall e Sternberg,²¹ o amor é uma construção social que pode ser traduzida como uma experiência emocional não universal que é definida de forma diferenciada em função das culturas onde tem lugar. Assim, os significados do amor dependem do período histórico, da temporalidade e das especificidades culturais subjacentes à sua conceptualização. Ao enunciar o amor como um fenómeno socialmente construído e não como uma realidade objectiva, homogénea e irreversível, e ao atribuir-lhe funções diversas, Sternberg abriu caminho para o aprofundamento do estudo das relações íntimas, permitindo que novas e mais integradas abordagens fossem a partir dele desenvolvidas.

Na realidade, têm sido muitos/as os/as autores/as que a partir das formulações de Sternberg têm equacionado o carácter construído do amor. Elaine Hatfield advogou que todos internalizamos pressupostos, muitas vezes de forma semiconsciente, sobre o que é uma experiência de amor e esses pressupostos têm um profundo impacto nas experiências de amor que vivenciamos de facto.²² Hans Werner Bierhoff defendeu que as ideias sobre o amor presentes na nossa cultura subordinam a forma como interpretamos as nossas experiências, sendo que quer as nossas experiências de amor, quer as nossas interpretações sobre essas experiências parecem ser afectadas pelas nossas crenças culturais sobre o amor.²³

²² HATFIELD, 1988.

²³ BIERHOFF, 1991, citado por NOLLER, 1996.

Assim, o amor não pode deixar de ser entendido no quadro das suas significações históricas e culturais, sabendo nós que aquilo que é percebido como uma manifestação de intimidade ou de amor pode variar em função do espaço e do tempo onde tal fenómeno está situado. Nesse sentido, para além de ser um conceito multidimensional, o amor é também um produto social e discursivo.

²⁴ STERNBERG, 1995.

Tal como concluiu Sternberg,²⁴ as histórias que construímos e que contamos sobre o amor fazem parte de uma matriz cultural e, nessa medida, são histórias únicas de um lugar e de uma época peculiar, acabando por ter uma função social reguladora. Não só controlam o curso das relações, como também ditam em que relações

²⁵ STERNBERG, 1995.

²⁶ BAWIN-LEGROS, 2004.

²⁷ Razão pela qual defende que os estudos sobre a intimidade devam ser feitos sob a forma de entrevistas em profundidade.

²⁸ Barbara EHRENREICH e Deirdre ENGLISH, 1978; Lynn JAMIESON, 1998; Wendy LANGFORD, 1999; e Jane USSHER, 1997, citadas por Heather FRASER, 2002.

²⁹ Deborah WARR, 2001; e Denise ARAÚJO, 2003.

³⁰ Tove THAGAARD, 1997.

³¹ BEAUVOIR, 1976, p. 498.

³² BAWIN-LEGROS, 2004.

³³ Anthony GIDDENS, 2001, p. 28.

³⁴ Barbara WINSTEAD, Valerian DERLEGA e Suzanna ROSE, 1997.

³⁵ Shauna FRISBIE, Jacki FITZPATRICK, Du FENG e Duane CRAWFORD, 2000.

devemos investir.²⁵ Bernadette Bawin-Legros²⁶ viria a complementar essa concepção do amor concebendo-o para além da vertente narrativa ou histórica, acrescentando que ele encontra expressão em diferentes registos, um dos quais a intimidade e que, enquanto emoção, aparece como uma codificação concreta nas palavras, nos gestos e nas acções.²⁷

2. As mulheres e os discursos *genderizados* sobre o amor

Frequentemente classificado como feminino, o amor aparece não raras vezes referenciado como sendo um sentimento das mulheres.²⁸ Assim, as qualidades expressivas do amor e da intimidade são vulgarmente reconhecidas como preocupações femininas,²⁹ manifestadas através de factores emocionais intensos, tais como a gratificação, a afirmação, a prestação de cuidados e a paixão.³⁰

“O amor foi apontado à mulher como uma suprema vocação e, quando se dedica a um homem vê nele um deus [...]”.³¹ Os ideais do amor romântico sempre afectaram as aspirações das mulheres mais do que as dos homens, apesar de estes serem também influenciados por eles.³² Giddens refere que alguém definiu o amor como “[...] uma conspiração engendrada pelos homens contra as mulheres para lhes encher a cabeça com sonhos tontos e impossíveis”.³³ Em termos das relações íntimas, o mesmo autor operacionaliza o conceito de *relação pura* apresentando-o como uma relação íntima não afecta a padrões estabelecidos ou socialmente estabelecidos, ou seja, como uma possibilidade de libertação do espartilho cultural.

Os papéis de género protagonizados em torno desses ideais de romanticismo, assumidos por uns e outros, parecem claramente conduzir a diferentes manifestações de intimidade, e isso parece acontecer (aparentemente) de uma forma mais expressiva nas fases embrionárias das relações. Segundo alguns/as autores/as isso deve-se ao facto de, nessas fases, haver uma maior preocupação por parte dos indivíduos quanto à emissão de comportamentos socialmente definidos como esperados, desejados e adequados para cada um dos sexos.³⁴ Os estereótipos tradicionais de género designam os homens como assumindo um papel pró-activo na iniciação das relações e as mulheres como assumindo um papel reactivo, aceitando ou recusando as investidas masculinas.

O amor romântico, especialmente no caso das mulheres adolescentes, parece mesmo servir de argumento para o retardamento da adesão a actividades sexuais.³⁵ Uma vez que a ideologia do romance é maioritariamente

³⁶ Mary CRAWFORD e Rhoda UNGER, 2000.

³⁷ CRAWFORD e UNGER, 2000.

³⁸ Susan WILLIAMS, Jennifer CONNOLLY e Zindel SEGAL, 2001.

³⁹ BUSS, 1989, citado por Robert BARON e Donn BYRE, 1994.

⁴⁰ Ted HUSTON, Catherine SURRA, Nancy FITZGERALD e Rodney CATE, 1981, citados por WINSTEAD, DERLEGA e ROSE, 1997.

⁴¹ Rosalie BURNETT, 1987, citada por WINSTEAD, DERLEGA e ROSE, 1997.

dirigida às mulheres, é esperado que elas sejam mais românticas nas suas crenças sobre as relações íntimas do que os homens³⁶ e, assim sendo, que se comportem em conformidade. As mulheres são encorajadas a ver o sexo em termos da sua romanticidade, estando os guiões culturais impregnados com a ideia de que, no que respeita à sua sexualidade, o sexo feminino deve ser passivo, ao invés de activo.³⁷ A influência das relações amorosas na vida das mulheres parece aumentar durante o período da adolescência, o que torna compreensível o facto de a intimidade ser percebida como algo deveras importante para o bem-estar das jovens mulheres e explica consequentemente a sua expectativa e o seu desejo de experimentar elevados níveis de intimidade nas relações íntimas.³⁸

Alguns/as investigadores/as procuraram identificar algumas fontes de conflito nas interações amorosas entre mulheres e homens. David Buss, em 1989, pediu a um número significativo de mulheres e homens para descrever a fonte ou as fontes dos seus conflitos com os/as parceiros/as, revelando-se os dados recolhidos bastante elucidativos, do nosso ponto de vista, da influência dos papéis de género nas expectativas criadas em torno do que é entendido como estabilidade ou conflito nas relações amorosas. De um modo geral, as mulheres que participaram desse estudo descreveram as fontes dos conflitos como estando relacionadas com a falta de expressões de amor e de protecção por parte dos seus parceiros, enquanto os homens descreveram a rejeição sexual e a indiferença por parte das suas parceiras como fontes do conflito entre o casal.³⁹

Uma das questões centrais que se coloca aquando da análise da estabilidade e do equilíbrio das relações amorosas em função do género prende-se com a forma como homens e mulheres desenvolvem actividades e estratégias de manutenção das relações com os/as seus/as parceiros/as. Alguns dados parecem indicar que nas fases iniciais das relações são os homens a envolver-se mais em actividades de manutenção das relações, por via do diálogo e da tentativa de resolução de problemas⁴⁰ e passando mais tempo a pensar nisso,⁴¹ enquanto nas etapas avançadas das relações são as mulheres que despendem mais tempo e mais esforço nessas actividades. Daqui se infere que aparentemente são as mulheres as que parecem envolver-se no prolongamento das relações íntimas, ideia que corrobora a questão de socialmente se atribuir ao sexo feminino os atributos da emocionalidade e da prestação de cuidados com vista à preservação dos laços familiares e, mais concretamente, dos laços afectivos.

Já Ortega y Gasset referia que a lógica que move as opções da mulher não é a mesma que movimenta a

⁴² ORTEGA Y GASSET, citado por CARVALHO, 2003.

⁴³ GIDDENS, 2001.

⁴⁴ Lucila SCAVONE, 2001.

⁴⁵ Lia Zanotta MACHADO, 2001.

⁴⁶ DUBYS, 1998.

⁴⁷ Terezinha FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 380.

⁴⁸ FÉRES-CARNEIRO, 1998, citada por Richard BULCROFT, Kris BULCROFT, Karen BRADLEY e Carl SIMPSON, 2000.

⁴⁹ FÉRES-CARNEIRO, 1998, citada por BULCROFT, BULCROFT, BRADLEY e SIMPSON, 2000.

⁵⁰ HABERMAS, 1970, citado por BULCROFT, BULCROFT, BRADLEY e SIMPSON, 2000.

lógica das opções dos homens e que essas escolhas devem ser entendidas a partir da sua conjuntura histórica.⁴²

Giddens refere-se a uma transição do modelo de *amor romântico* para o *amor confluyente*.⁴³ Essa transição está directamente associada com as transformações operadas no estatuto social das mulheres, transformações essas que decorrem da exigência de homens e mulheres partilharem relações íntimas igualitárias. O “amor confluyente” diz respeito então à tendência para um compromisso afectivo e emocional igualitário entre os sexos. As mudanças que vêm acontecendo na vida privada, sobretudo na família e nas relações sociais de género, com a emergência de novos modelos de sexualidade, de parentalidade e de amor, contribuem decisivamente para a reconfiguração dos papéis das mulheres e dos homens na sociedade e, mais especificamente, no contexto doméstico.⁴⁴

O surgimento na “alta modernidade” do “amor confluyente” e da “relação pura”, onde as diferenças de género teriam cada vez menos lugar na conjugalidade e onde o “amor” também passaria a ser condição para a permanência dos laços conjugais, dissolve as tradicionais obrigações e diferenciações de funções entre os parceiros amorosos.⁴⁵ George Dubys refere que no século XVIII, nas classes superiores do Ocidente, a revolução da afectividade no contexto da família trouxe consigo mudanças sociais importantes.⁴⁶ Assim, a sociedade passou a exigir que o casamento estivesse associado ao amor que antes era reservado aos amantes – o amor romântico, o amor extraconjugal:

[...] a partir do século XVIII, [...] duas formas de amor, tradicionalmente opostas, são aproximadas. Um novo ideal de casamento vai-se constituindo aos poucos no Ocidente, em que se impõe aos cônjuges que se amem ou que pareçam se amar, e que tenham expectativas a respeito do amor. O erotismo extraconjugal entra no casamento e o amor-paixão é visto como modelo. Hoje ninguém duvida da dignidade do amor conjugal. A sociedade contemporânea não aceita mais que alguém possa se casar sem desejo e sem amor.⁴⁷

A racionalização na chamada esfera pública está associada ao fenómeno de despersonalização das relações sociais em geral e, em particular, das relações íntimas.⁴⁸ Enquanto esse processo mina, muitas vezes, as relações sociais tradicionais opressivas (como o patriarcado) e aumenta a escolha individual, um processo de desumanização das relações sociais impõe-se inevitavelmente.⁴⁹

Jürgen Habermas, em 1970, segundo Bulcroft e colaboradores,⁵⁰ ao contrário de Weber, salientou que a esfera pública tem sido dominada pelos princípios racionais,

mas o mesmo não tem acontecido com a esfera privada, a qual tem vindo a ser influenciada pelas emoções e pela não-racionalidade. A progressiva modernização da intimidade tem resultado num melhoramento das relações amorosas que, em última instância, tem dado lugar à possibilidade de emancipação das mulheres.⁵¹

⁵¹ HABERMAS, 1970, citado por BULCROFT, BULCROFT, BRADLEY e SIMPSON, 2000.

O conflito entre a liberdade individual e a vida familiar é denominado por Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim, em 1955, como uma "*contradição assexuada*", na medida em que se exigem, por um lado, cada vez mais indivíduos independentes e diligentes, com boa capacidade de flexibilização e de adaptação, expeditos no corte dos seus laços sociais em prol de suas realizações profissionais, e por outro lado indivíduos que cumpram os ideais de família, de casamento, de maternidade, de paternidade, de amizade e de amor.⁵²

⁵² BECK e BECK-GERNSHEIM, 1955, citados por Carlos PASSARELLI, 1998.

A grande questão que se coloca ao nível das mudanças sociais na intimidade é saber se elas são ou não sentidas, como aponta Sofia Aboim,⁵³ do ponto de vista normativo, isto é, se as alterações dos valores que orientam a vida conjugal e familiar tornam a conjugalidade (ou, diríamos nós, a própria noção de intimidade) um território de igualdade, de realização pessoal e de "amor confluyente".

⁵³ ABOIM, 2004.

Pierre Bourdieu, ao construir a sua Teoria da Dominação Masculina, questionou-se sobre se o amor seria uma possibilidade de aniquilamento ou de sustentação da dominação masculina e, por conseguinte, de determinação da violência simbólica:

[...] contrariamente ao que quer a representação romântica, a inclinação amorosa não é isenta de uma forma de racionalidade que nada deve ao cálculo relacional ou, noutros tempos, que o amor é muitas vezes em parte amor fati, amor do destino social.⁵⁴

⁵⁴ BOURDIEU, 1999, p. 32.

Bourdieu, na sua dissertação sobre os sectores populares, usa mesmo a expressão *amor fati* para designar aquilo que é "uma escolha do destino, uma escolha forçada, produzida por certas condições de existência que, ao excluir como puro sonho qualquer outra possível, não deixa outra opção senão o gosto do necessário".⁵⁵ Assim, as inclinações, preferências, disposições – aparentemente inflexíveis às estruturas sociais – não podem ser concebidas independentemente das condições de existência, em relação às quais representam ajustes que escapam, grande parte do tempo, à consciência meramente individual. É precisamente o conhecimento desse processo subjectivo que faz com que os indivíduos amem o seu destino social: o *amor fati*.

⁵⁵ Mabel PICCINI, 2003, p. 16.

A dominação masculina incrustada nas práticas, nas estruturas e nos discursos sociais legitima a existência de uma amor desequilibrado entre homens e mulheres.

A dominação masculina encontra um dos seus maiores apoios no desconhecimento favorecido pela aplicação ao dominante de categorias de pensamento engendradas na própria relação de dominação e que pode conduzir a essa forma-limite do amor fati que é o amor pelo dominante e pela sua dominação, libido dominantis (desejo do dominante) que implica renúncia na primeira pessoa a libido dominandi (desejo de dominar).⁵⁶

⁵⁶ BOURDIEU, 1999, p. 68-69.

O autor auxilia-nos na compreensão daquilo que está para além das formulações da *escolha versus constrangimento*, oferecendo um modelo de análise que clarifica como as estruturas subjectivas e objectivas contribuem para a criação de *disposições duráveis* e, ao mesmo tempo, responde a argumentos que assumem que a escolha garante autenticidade e imuniza a relevância das condições sociais.⁵⁷

⁵⁷ Joan WILLIAMS, 2001.

Para Beauvoir, quando falamos do amor, “[...] não é de uma lei da natureza que se trata. É a diferença das situações que se reflecte na concepção que o homem e a mulher têm do amor”.⁵⁸

⁵⁸ BEAUVOIR, 1976, p. 469.

A questão do amor romântico tem encabeçado a agenda feminista, sendo a sua ideologia apontada como responsável por levar as mulheres a acreditar que a felicidade humana dependeria da sua entrega total e incondicional aos seus parceiros,⁵⁹ originando, em muitas situações, histórias de violência, de discriminação e de desigualdade. Os discursos feministas geralmente apresentam o amor como estando ligado ao romance e ao casamento, sendo esses factores chave para a sujeição das mulheres aos seus parceiros.⁶⁰

⁵⁹ Wendy LANGFORD, 1997.

⁶⁰ Sharn ROCCO, 2003.

Principalmente durante o socialismo utópico, durante a Revolução Francesa e durante o período do romantismo, as mulheres revolucionárias posionaram-se contra um ideal de amor que sufragava a obediência das mulheres nas relações amorosas.⁶¹ Os grupos de mulheres, dinamizados pelas feministas em meados dos anos 70 (os “grupos de promoção do aumento de consciência”),⁶² foram constituídos com o objectivo de escutinar os actos afectos à dominação masculina, incluindo os que materializam os actos amorosos dos homens.⁶³ Contraoando o amor e o abuso íntimo e mostrando a sua incompatibilidade, as feministas contestaram os discursos dominantes sobre as relações íntimas, revelando o seu carácter opressivo para as mulheres.

⁶¹ Isabel CARMO e Ligia AMÂNCIO, 2004.

⁶² Original: consciousness-raising groups (tradução livre).

⁶³ FRASER, 2002.

⁶⁴ FRASER, 2002.

Para as feministas liberais, as mulheres deveriam estar sempre vigilantes em face da maneira como os romances vívidos condicionavam os seus julgamentos e a sua capacidade para competir no mercado de trabalho, uma vez que lhes estava imposta socialmente a condição de ser responsável pelas actividades familiares; para as feministas radicais, o romance heterossexual não seria mais do que a extensão do patriarcado e do capitalismo, concebido para obrigar as mulheres a aceitarem uma sexualidade repressiva.⁶⁴ Com o intuito de rejeitar o amor heterossexual, o feminismo radical alegou que ele teria propriedades colonizadoras e de exploração, considerando que o mais adequado seria que as mulheres fossem encorajadas a renunciar a tudo o que fossem possíveis manifestações do patriarcado: o casamento, a maternidade e o sexo com penetração, sendo que para algumas das feministas radicais a verdadeira libertação das mulheres só se efectivaria caso estas deixassem de “dormir com o inimigo”, comprometendo-se com um tipo de lesbianismo político.⁶⁵

⁶⁵ FRASER, 2002.

A emancipação sexual das mulheres, conseguida por via da introdução dos métodos anticoncepcionais e da alteração do enquadramento da actividade sexual (o qual passou de um enquadramento biológico, destinado a fins meramente reprodutivos, a um enquadramento social, cujos elementos centrais já não são a procriação e a propagação da espécie, mas antes o desejo e o prazer), originou mudanças muitíssimo significativas nas práticas de intimidade e nas concepções do amor.

⁶⁶ Mary CRAWFORD e Danielle POPP, 2003.

Tradicionalmente, homens e mulheres foram sujeitos a regras diferentes no que toca à vivência da sua sexualidade, o que claramente contribuiu para que as suas experiências de amor e de intimidade fossem vividas de forma muito diferenciada.⁶⁶

⁶⁷ FRASER, 2002.

A terceira vaga do feminismo, desde os anos 80 até aos dias de hoje, tem vindo a recuperar muitos dos argumentos apresentados pelas feministas liberais e radicais contra a opressão e a marginalização resultante das relações íntimas. Apesar desse movimento ter sido influenciado por debates epistemológicos pós-modernos (e, nesse sentido, tendo subjacente um novo paradigma de análise das relações sociais), o facto é que as suas reivindicações continuam a exigir que as histórias de amor vividas pelas mulheres passem a ser interpretadas a partir das próprias e não com base numa visão heterossexual masculina. Reconhecendo a diversidade e adoptando os conceitos de multiplicidade e de contradição, muitas das chamadas feministas pós-modernas avaliam as relações amorosas à luz das diferentes narrativas construídas em torno delas e das estratégias usadas para as negociar.⁶⁷

⁶⁸ LANGFORD, 1997.

Um estudo recente realizado por Langford demonstrou que, ao contrário do que alguns/as autores/as têm vindo a apontar, as relações amorosas não se têm vindo a tornar mais democráticas.⁶⁸ Pelo contrário, a manifestação de problemas de saúde que se observa nas mulheres parece ser uma consequência da sua condição social que está ainda muito orientada para a procura da auto-realização pessoal na relação com os seus parceiros, auto-aniquilando muitas vezes as necessidades pessoais em detrimento da satisfação das necessidades pessoais dos companheiros. Apesar de progressivamente alguns estudos estarem a ser feitos no sentido de avaliar os efeitos negativos das relações de intimidade (aquilo a que Diane Felmlee e Susan Sprecher⁶⁹ apelidaram de “o lado obscuro das relações de intimidade”), escasseiam ainda investigações aprofundadas sobre esses efeitos.

⁶⁹ FELMLEE e SPRECHER, 2000.

Uma das obscuridades das relações de intimidade é, sem dúvida, o desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas, a perpetração de actividades violentas e a sustentação de um conjunto de desigualdades, cujos efeitos são geralmente devastadores para quem se encontra numa posição minoritária (geralmente as mulheres).

⁷⁰ TORRES, 2000a.

Apesar dessas evidências preocupantes, Anália Torres,⁷⁰ através dos resultados de alguns dos seus estudos sobre o casamento, propõe um novo modelo de amor – o amor-construção –, cujos contornos (diria eu) parecem querer dissipar a *obscuridade* das relações de intimidade. Segundo a autora, esse modelo caracteriza-se por se assumir que, se o amor e a paixão forem o pretexto inicial para o casamento, ele poderá transformar-se num sentimento com mais estabilidade, uma vez que vai sendo construído. “Este modelo de amor-construção implica maior paridade entre homens e mulheres, mas conhece ainda as assimetrias que atrás foram focadas”.⁷¹

⁷¹ TORRES, 2000a, p. 20.

3. A caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”?

Considerações finais

O amor tem sido inequivocamente uma das dimensões das relações sociais de afectividade mais estudadas na psicologia social. Como se explanou anteriormente, os significados do conceito de intimidade, de relações íntimas e de amor não podem senão ser interpretados na actualidade à luz de factores sociais, históricos, políticos e culturais, o que nos coloca grandes desafios e, ao mesmo tempo, alguns constrangimentos.

A evolução das abordagens teóricas e da conceptualização desses constructos foi-se fazendo a partir da transição de perspectivas essencialistas e individuais para perspectivas estruturais e conjunturais, cujas formulações acentuam a dimensão socialmente construída da intimidade e do amor. Longe de serem considerados fenómenos intrínsecos, eles são hoje observados, grosso modo, a partir de um quadro conceptual que reúne uma série de factores associados entre si (factores como a conjuntura patriarcal, o papel cultural da mulher, a sexualidade, a classe social, a etnia, entre outros).

A inclinação para o enfoque na *psicologização* da intimidade e do amor e a tendência para buscar na interioridade o *porquê* e o *como* dos fenómenos sociais foram sendo assim substituídas por novas abordagens académicas que chamam a si a influência das estruturas sociais na instauração de práticas e discursos sobre a intimidade e o amor. Essas abordagens, ao assumirem a existência de um elo de articulação entre o pessoal e o político e ao abandonarem o fatalismo do determinismo pessoal e biológico, condensam na sua análise argumentos que contribuem para a desconstrução dos tais discursos e práticas instauradas. Essa contribuição enforma a emergência de discursos e práticas sociais alternativas que repõe a possibilidade da eclosão de uma consciência social mais comprometida com os valores da igualdade e da justiça social. O fatalismo passa, por isso, a poder dar lugar à culturalidade e à historicidade.

O amor é considerado como uma espécie de motor de acção social, já que permite, no contexto dos valores e ideologias das sociedades contemporâneas, construir novas relações sociais.⁷²

⁷² TORRES, 2004.

Ao ser entendido como uma construção social com um ónus cultural significativo, o amor aparece agora enunciado não como uma inevitável peça do destino (que especialmente no caso das mulheres tem criado constrangimentos tradicionalmente difíceis de ultrapassar), mas como uma teia de relações sociais de poder, cujas dinâmicas estão na origem da desigualdade, da discriminação e da violência.

As concepções feministas sobre o amor reivindicaram o seu carácter debilitante e opressor para as mulheres, na medida em que as tem enclausurado num ideal de felicidade e de realização social que não tem sido mais do que uma falsa promessa de liberdade e de autonomização. O amor romântico, concebido durante décadas como o elixir para a consagração dos afectos entre os sexos, fundamentou (e fundamenta ainda) a reprodução de relações de poder estatutariamente

desiguais entre os homens e as mulheres, cujas repercussões se fizeram (e se fazem) sentir na organização da vida social. Os discursos da aspiração à romanticidade parecem continuar a ecoar no pensamento colectivo e a propagar-se como legitimação para a sustentação da intimidade (signifique ela um contexto de paz ou de guerra). Os discursos *genderizados* sobre a intimidade e o amor romântico têm fortes implicações nas relações entre os sexos, porque, ao estarem imbuídos de concepções de poder desniveladas e legitimadoras de acções que visam garantir a continuidade do sistema patriarcal, tornam-se discursos de risco para as mulheres.

Bourdieu, ao apresentar a sua Teoria da Dominação Masculina, salienta a possibilidade de o amor ser, ao mesmo tempo factor de risco e factor protector para a dominação e, logo, para a violência. Como salienta Torres,⁷³ é possível que o amor tenha o poder de interditar a violência, mas para isso algumas condições devem estar acauteladas:

[...] como bem diz Sasha Weitman, o corte com a ordem comum não se consuma de um golpe só nem de uma vez por todas. É apenas por meio de um trabalho de todos os instantes, recomeçando sem cessar, que pode ser arrancada às águas frias do cálculo, da violência e do interesse “a ilha encantada” do amor, esse mundo fechado e completamente autárquico que é lugar de uma série continuada de milagres: o da não-violência, tornada possível pelas relações baseadas na reciprocidade plena e autorizando o abandono e a entrega de si [...], no reconhecimento mútuo [...], no desinteresse.⁷⁴

Durante mais de 40 anos, cientistas comportamentais e sociais têm analisado os efeitos de uma ampla variedade de constructos sociais, psicológicos e comportamentais na saúde dos indivíduos,⁷⁵ incluindo os do amor. Não obstante o amor e a intimidade dele decorrente ter sido na grande maioria das investigações perspectivado como um fenómeno propiciador do bem-estar, algumas abordagens têm alertado para o facto de o amor nem sempre ter um carácter saudável e adaptativo.⁷⁶ Esse lado pouco salutar do amor e da intimidade – não necessariamente patológico – acaba por ser uma manifestação dos reais constrangimentos que ele pode ocasionar. Fenómenos como o auto-silenciamento, como a vitimação e como o homicídio entre parceiros/as podem testemunhar as consequências do amor romântico ou da intimidade idealizada que a História tem prometido às mulheres.

A introdução do elemento “género” nas ciências sociais e particularmente na psicologia contribuiu sobremaneira para a revolução operada no pensamento científico

⁷³ TORRES, 2000a.

⁷⁴ BOURDIEU, 1999, p. 94.

⁷⁵ LEVIN, 2000.

⁷⁶ NOLLER, 1996.

do século XX. A sua problematização associada às relações de intimidade e do amor em muito influenciou a argumentação no sentido da democratização da intimidade.

Na realidade, as relações sociais de género constroem e determinam papéis, funções, comportamentos e expectativas sociais sobre o amor e a intimidade, não facilmente transponíveis, nem abandonáveis. E fazem-no impondo espaços diferenciados para homens e para mulheres (colocando os homens no espaço institucional ou público e empurrando as mulheres para o espaço doméstico ou privado), valorizando assimetrias entre os sexos (usando o argumento dos desideratos biológicos e das dissimilaridades naturais), cimentando hierarquias onde o masculino é sinónimo de autoridade, de poder, de controlo e de eficácia e o feminino é sinónimo de vulnerabilidade, sensibilidade, subordinação e dependência, criando uma cultura de direitos e de deveres assente nas diferenças sexuais e fomentando a proliferação de discursos *gende-rizados* (profundamente menorizantes para as mulheres).

⁷⁷ GIDDENS, 2001, p. 132.

Como sugere Giddens, “a possibilidade de intimidade implica a promessa de democracia”.⁷⁷ A transposição dos princípios da cidadania para as relações entre as pessoas, para a esfera “privada”, para as ligações familiares e, sobretudo, para os relacionamentos íntimos reveste-se de enorme legitimidade, porque pode permitir a efectivação de liberdades, de direitos e de deveres essenciais à manutenção do equilíbrio da vida em sociedade. Definir a equidade como um princípio regulador das práticas interpessoais e especialmente das práticas íntimas deve ser por isso uma questão de fundo na abordagem da intimidade e do amor.⁷⁸

⁷⁸ Sofia NEVES, 2003.

A interiorização dos valores da democracia e a responsabilização de cada indivíduo pelo seu bem-estar e pelo bem-estar do outro no interior do sistema “família” e da “relação a dois” têm vindo a constituir um avanço substancial em direcção à edificação de um mundo social cada vez mais justo e menos desigual. Mas apesar de tendencialmente mais igualitária, a noção de amor continua a ser balizada quer pelas questões de género, quer pelas práticas sociais de poder instituídas que diferenciam as posições de homens e de mulheres.

⁷⁹ BECK e BECK-GERNSHEIM, 1995, citados por GIDDENS, 2004, p. 181.

Beck e Beck-Gernsheim continuam a afirmar inclusive que a batalha dos sexos não é senão um tema recorrente dos dias de hoje, sendo o amor o elemento que alimenta essa batalha: “(...) as pessoas casam-se por amor e divorciam-se por causa do amor; as pessoas empenham-se num interminável ciclo de esperança, arrependimento e novas tentativas”.⁷⁹ Na sua obra intitulada *The Normal Chaos of Love* os autores caracterizam as relações pessoais

⁸⁰ BECK e BECK-GERNSHEIM, 1995, citados por GIDDENS, 2004.

como um processo de escolhas que, embora se revista de liberdade, não deixa de suscitar constrangimentos.⁸⁰

Ao estar inculcado na linguagem colectiva e ao ser uma imagem construída num tempo e num espaço particular, o amor é um produto social que nem sempre é consumido com base numa postura de livre arbítrio, mas sim de padronização institucional. E é precisamente essa estandarização que perpetua as assimetrias entre os sexos, assimetrias que são, como já se apontou, transversais à vida social privada e pública.⁸¹

⁸¹ TORRES, 2000b.

A observação das contingências relacionais em função do género permite-nos perceber as diferenças de poder que perpassam grande parte dos relacionamentos íntimos – diferenças de poder que outorgam diferentes manifestações de amor, diferentes significações de intimidade, diferentes níveis de investimento nas relações, diferentes patamares de permissividade e de aceitação em face do comportamento do outro membro do relacionamento, diferentes ideais de satisfação pessoal, familiar e social.

A intimidade e o amor, bem como os seus significados, estão impregnados de variáveis conjunturais, onde as relações de poder institucionalizadas dentro e fora das relações íntimas desempenham um papel determinante. A passagem definitiva do mito do “amor romântico” para a realidade do “amor confluyente” implica assumir que é necessária a reestruturação dos discursos sociais em matéria de igualdade de géneros no que toca, *também*, ao espaço da intimidade.

Referências bibliográficas

- ABOIM, Sofia. “As orientações normativas da conjugabilidade”. In: WALL, Karin (Coord.). *Famílias no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais/ICS, 2004. p. 169-229.
- ALFERES, Valentim Rodrigues. *Encenações e comportamentos sexuais. Para uma psicologia social da sexualidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1997.
- ARAÚJO, Denise. “O amor no feminino: ocultamento e/ou revelação?”. *Estudos de Psicologia*, n. 8, p. 469-477, 2003.
- BARON, Robert, and BYRNE, Donn. *Social Psychology. Understanding Human Interaction*. 7th Ed. Boston: Allyn & Bacon, 1994.
- BAWIN-LEGROS, Bernadette. “Intimacy and the New Sentimental Order.” *Current Sociology*, v. 52, n. 2, p. 241-250, 2004.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Venda Nova: Bertrand, 1976.

- BEALL, Anne E., and STERNBERG, Robert J. "The Social Construction of Love." *Journal of Social and Personal Relationships*, n. 12, p. 417-438, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- BULCROFT, Richard, BULCROFT, Kris, BRADLEY, Karen, and SIMPSON, Carl. "The Management and Production of Risk in Romantic Relationships: A Postmodern Paradox." *Journal of Family History*, n. 25, p. 63-92, 2000.
- CARMO, Isabel; AMÂNCIO, Lígia. *Vozes insubmissas: a história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo*. Lisboa: D. Quixote, 2004.
- CARVALHO, José. "O amor no raciovitalismo de Ortega y Gasset". *Anuário de Filosofia São João del-Rei*, n. 10, p. 255-286, 2003.
- CRAWFORD, Mary, and POPP, Danielle. "Sexual Double Standards: A Review and Methodological Critique of Two Decades of Research." *The Journal of Sex Research*, n. 40, p. 13-36. 2003.
- CRAWFORD, Mary, and UNGER, Rhoda. "Introduction to a Feminist Psychology of Women." In: CRAWFORD, Mary, and UNGER, Rhoda (Eds). *Women and Gender: A Feminist Psychology*. Boston: McGraw-Hill, 2000. p. 2-32.
- DUBYS, George. *Amor e sexualidade no Ocidente*. Lisboa: Terramar, 1998.
- FELDMAN, Robert S. *Social Psychology: Theories, Research and Applications*. New York: McGraw-Hill, 1985.
- FELMLEE, Diane, and SPRECHER, Susan. "Close Relationships and Social Psychology: Intersections and Future Paths." *Social Psychology Quarterly*, n. 63, p. 365-376, 2000.
- FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. "Contemporary Marriage: The Difficult Association between Individuality and Conjugality." *Psicologia, Reflexão e Crítica*, n. 11, p. 379-394, 1998.
- FRASER, Heather. "Narrating Love and Abuse in Intimate Relationships." *British Journal of Social Work*, n. 33, p. 273-290, 2002.
- FRISBIE, Shauna, FITZPATRICK, Jacki, FENG, Du, and CRAWFORD, Duane. "Women's Personality Traits, Interpersonal Competence and Affection for Dating Partners: A Test of the Contextual Model." *Social Behavior and Personality*, n. 28, p. 585-592, 2000.
- GIDDENS, Anthony. *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta Editora, 2001.
- _____. *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste de Gulbenkian, 2004.

- HATFIELD, Elaine. "Passionate and Companionate Love." In: STERNBERG, Robert, and BARNES, Michael (Eds.). *The Psychology of Love*. New Haven: Yale University, 1988. p. 191-217.
- INGOLDSBY, Bron B., SMITH, Suzanne, and MILLER, J. Elizabeth. *Exploring Family Theories*. Los Angeles: Roxbury, 2004.
- KIEGELMANN, Mechthild. *Qualitative Psychology Nexus*. Schwangau: Die Deutsche Bibliothek, 2001.
- LANGFORD, Wendy. "You Make Me Sick: Women, Health and Romantic Love." *Journal of Contemporary Health*, n. 5, p. 52-55, 1997.
- LEVIN, Jeff. "A Prolegomenon to an Epidemiology of Love: Theory, Measurement and Health Outcomes." *Journal of Social and Clinical Psychology*, n. 19, p. 117-136, 2000.
- LUHMAN, Niklas. *O amor como paixão. Para a codificação da intimidade*. Lisboa: Difel, 1991.
- MACHADO, Lia Zanotta. *Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil*. 2001. Disponível em: <http://www.unb.br/ics/dan/Serie291empdf.pdf>. Acesso em: jan. 2005.
- MEDORA, Nilufer P., LARSON, Jeffrey H., HORTACSU, Nuran, and DAVE, Parul. "Perceived Attitudes towards Romanticism: A Cross-Cultural Study of American, Asian-Indian and Turkish Young Adults." *Journal of Comparative Family Studies*, n. 33, p. 155-178, 2002.
- MYERS, Jane E., and SHURTS, W. Mathew. "Measuring Positive Emotionality: A Review of Instruments Assessing Love." *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, n. 34, p. 238-259, 2002.
- NEVES, Sofia. "Amor, poder e violência(s) contra as mulheres: a importância do gênero nas relações íntimas". *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, n. 1, p. 133-144, 2003.
- NOLLER, Patricia. "What Is This Thing Called Love? Defining the Love that Supports Marriage and Family." *Personal Relationships*, n. 3, p. 97-115, 1996.
- PASSARELI, Carlos André Facciolla. *Amores dublados: linguagens amorosas entre homens no filme La ley del deseo*. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.
- PICCINI, Mabel. "Sobre a comunicação nas grandes cidades". *Opinião Pública*, n. 9, p. 1-19, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/op/v9n2/v9n2a01.pdf>. Acesso em: jan. 2005.
- ROCCO, Sharn. "Telling Tales and Making Excuses." *Feminism and Psychology*, v. 13, n. 4, p. 459-463, 2003.

- SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de género. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 5, n. 8, p. 47-60, 2001.
- STERNBERG, Robert. "Love as a Story." *Journal of Social and Personal Relationships*, n. 12, p. 541-546, 1995.
- _____. *Cupid's Arrow. The Course of Love through Time*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- THAGAARD, Tove. "Gender, Power and Love: A Study of Intersection between Spouses." *Acta Sociologica*, n. 40, p. 356-376, 1997.
- TORRES, Anália. *Amor e sociologia: da estranheza ao reencontro*. Comunicação apresentada no painel temático "Lugares e expressões de afecto", IV Congresso de Sociologia, Coimbra, Portugal, 17-19 abr. 2000a.
- _____. *Conversa a duas vozes e em três andamentos. A relação entre vida conjugal e trabalho*. Comunicação apresentada no painel temático "Família, género e trajectos de vida", IV Congresso de Sociologia, Coimbra, Portugal, 17-19 abr. 2000b.
- _____. *Sociologia do casamento. A família e a questão feminina*. Oeiras: Celta Editora, 2001.
- _____. "Amor e ciências sociais". *Travessias*, n. 4/5, p. 15-45, 2004.
- WARR, Deborah. "The Importance of Love and Understanding: Speculation on Romance in Safe Sex Health Promotion." *Women's Studies International Forum*, v. 24, n. 2, p. 241-252, 2001.
- WILLIAMS, Joan. "From Difference to Dominance to Domesticity: Care As Work, Gender and Tradition." *Chicago-Kent Law Review*, n. 76, p. 1441-1493, 2001.
- WILLIAMS, Susan, CONNOLLY, Jennifer, and SEGAL, Zindel. "Intimacy in Relationships and Cognitive Vulnerability to Depression in Adolescent Girls." *Cognitive Therapy and Research*, n. 25, p. 477-496, 2001.
- WINSTEAD, Barbara, DERLEGA, Valerian, and ROSE, Suzanna. *Gender and Close Relationships*. Thousand Oaks: Sage, 1997.

[Recebido em fevereiro de 2007
e aceito para publicação em maio de 2007]

Women and Gendered Discourses about Love: Towards a "Confluent Love" or a Return to the "Romantic Love" Myth?

Abstract: *The role of love in intimacy dynamics is undeniable in occidental societies, being one of the central elements of social life. The argument that love constitutes the engine of interpersonal relations development, especially for women, represents a basic issue in the construction of social discourses about human being happiness and the factors that configure it. Traditionally seen as feminine, love has been pointed to women as its supreme vocation (Beauvoir, 1976) entangling them, not quite often, in an ideal of privacy potentially castrating of its autonomy and personal freedom. This article intends to critically reflect on the implications of social construction of discourses about love in feminine heterosexual adult intimacy, from a critical feminist point of view. This paper discusses the importance to assume love discourses as egalitarian and democratic.*

Key Words: *Love; Critical Feminism; Social Construccionism.*